

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

---

**Evocação de Albert Camus**

MARCELLO DUARTE MATHIAS

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2021



## Evocação de Albert Camus

MARCELLO DUARTE MATHIAS

Lendo há uns meses o diário de Imre Kertész, escritor húngaro, prémio Nobel de Literatura em 2002, descobri que um dia ao arrumar uma pilha de jornais e de recortes, ele deu por acaso com uma velha fotografia de Camus. E Kertész escreve: “Apeteceu-me correr ao seu encontro, abrir os braços e abraçá-lo”.

Por seu turno, Soljenitsin quando foi expulso da União Soviética e chegou ao aeroporto de Zurique, salvo erro em 1975, disse mais ou menos a mesma coisa – “o único intelectual ocidental que eu gostaria de conhecer e de apertar a mão”. Foram estas as suas primeiras declarações como exilado. (Recorde-se que Camus havia morrido 15 anos antes).

De igual modo, Hannah Arendt que se encontra, a seu pedido, com Camus em Paris, em 1952, escreve em carta ao marido: “Estive ontem com Camus. Ele é, indiscutivelmente, a maior figura que existe hoje em França, muito acima de qualquer outro intelectual”. (De sublinhar que tanto *As Origens do Totalitarismo* como *O Homem Revoltado*, vieram a lume sensivelmente na mesma altura, isto é, por volta de 1951/52, analisando a mesma realidade política sob ângulos diferentes).

O que os três depoimentos acima referidos evidenciam, e outros de igual teor se poderiam aqui juntar, é a simpatia e o respeito que o homem inspirava – ele, seu pensamento e percurso. A abundante correspondência, publicada recentemente, tem acentuado este e demais traços da sua personalidade feita igualmente de humildade, desassombro e coragem.

Sartre dirá, ao evocar a figura de Camus nos anos do pós-guerra: “Você foi para nós – e amanhã poderá sê-lo ainda – a admirável conjunção de uma pessoa, de uma acção e de uma obra”, para logo sublinhar: “Porque resumia em si os conflitos da época e superava-os pelo ardor em vivê-los”.

De facto, existe em Camus, e não é este um pormenor despiendo, uma osmose total entre o que ele é e o que escreve, sendo a sua obra reflexo disso mesmo. Há por assim dizer, uma consanguinidade entre o homem e os seus livros. Caminham juntos, do mesmo passo.

As interrogações e as certezas, não raro fruto de intuições, ou, pelo contrário, conquistadas no confronto com os desafios da realidade, compõem um todo indissociável. Daí uma sensação de probidade, palavra que bem o define, ou, melhor dito, de inteireza que a sua pessoa irradia.

Paralelamente, cada um dos seus livros ilumina os restantes formando uma invisível teia que confere à obra a sua intrínseca coerência – ordenação em forma de encadeamento cronológico. E também isso a torna inteligível e cativante.

É conhecido o seu percurso: rapazinho pobre, órfão de pai que morre nos primeiros meses da guerra de 14, passa a infância e a adolescência num bairro popular de Argel. Mais tarde, aos 17 anos, é-lhe diagnosticado uma tuberculose, mal de que sofrerá toda a vida.

Inscrive-se no partido comunista levado por um sentido de justiça social, sendo pouco depois expulso, acusado de “divisionismo trotskista”. Dessa incursão na política, ficou-lhe uma saudável desconfiança para com as doutrinas revolucionárias. Não dirá ele, mais tarde: “Todo o revolucionário acaba em opressor ou em herético”. (H.R.) A História, em particular, a do século XX tem vindo a corroborar a justeza desta asserção.

Está em França nas vésperas de 40, onde passa grande parte do período da Ocupação, integra os quadros da Resistência, dirige nos anos do pós-guerra o diário *Combat*. Os seus editoriais ficariam famosos pelo tom e as preocupações éticas que os distinguiam. O jornalismo, seja dito de passagem, será sempre uma das suas paixões.

Trabalha depois como leitor nas edições Gallimard, obtém o Nobel em 1957, aos 44 anos (sendo o segundo mais novo laureado com o prémio Nobel de Literatura, o primeiro tendo sido Kipling), e morre pouco depois em inícios de 1960 num desastre de automóvel.

No plano literário, conhece muito cedo a celebridade com a narrativa *O Estrangeiro*, publicada em 1942. Antes disso, porém, com apenas 22 ou 23 anos, compõe quatro pequenos textos de cariz essencialmente autobiográfica, intitulados *Núpcias* – título eloquente! – cujo cenário é a nudez selvagem da costa argelina, nomeadamente as ruínas romanas de Tipasa e Djémila. Gostaria de me deter aqui uns instantes e chamar a vossa atenção para a relevância deste pequeno volume, pois toda essa adesão panteísta ao mundo e à grandiosidade das paisagens em seu redor, a paixão pelo amor físico, essa tentação quase adolescente da

desmedida, emergem como elementos fundamentais na apreensão da sua sensibilidade. Que já aqui está intacta.

Para não perdermos a seiva e o sabor do texto, vou ler-vos em francês (o grande poeta americano Robert Frost dizia que “a poesia é aquilo que se perde na tradução”), uma breve e expressiva passagem da sua ida a Djémila. Camus está sozinho perante o mar, o céu, e o vento que o fustiga.

*“Le vent me façonnait à l’image de l’ardente nudité qui m’entourait. Et sa fugitive étreinte me donnait, pierre parmi les pierres, la solitude d’une colonne ou d’un olivier dans le ciel d’été.”* E, mais adiante: *“Bientôt, répandu aux quatre coins du monde, oublié de moi-même, je suis ce vent, ces colonnes et cet arc, ces dalles qui sentent chaud et ces montagnes pâles autour de la ville déserte. Et je n’ai jamais senti, si avant, à la fois mon détachement de moi-même et ma présence au monde.*

*Oui, je suis présent. Et ce qui me frappe à ce moment, c’est que je ne peux aller plus loin. /.../ Car pour un homme, prendre conscience de son présent, c’est ne plus rien attendre. /.../*

E logo a seguir estas linhas que definem toda uma filosofia de vida:

*“J’ai trop de jeunesse en moi pour pouvoir parler de la mort. Mais il me semble que si je le devais, c’est ici que je trouverais le mot exact qui dirait, entre l’horreur et le silence, la certitude consciente d’une mort sans espoir.”*

Se escolhi este excerto é porque se me afigura revelador da sua mais profunda intuição – “a certeza consciente de uma morte sem esperança” – que se traduz na fidelidade à terra e na comunhão com ela. Alegria dionisíaca que tudo transfigura, servida por uma prosa vibrante, solar, incandescente!

Sempre que releio esta passagem, vem-me à memória aquele poema da Sophia:

*“Quando eu morrer voltarei para buscar  
Os instantes que não vivi junto do mar”.*

Permito-me insistir neste ponto: uma parte essencial do homem que ele foi, está aqui neste ímpeto desordenado de agarrar com ambas as mãos o mundo visível ao seu alcance, nesta espécie de sexualidade telúrica à flor da pele, absorção de todos os instintos vividos e por viver.

Esta é, e será sempre, a fonte do seu eterno retorno – paisagens insubstituíveis que compõem a própria matriz da sua memória e com ela se confundem. E isto mesmo ele o dirá à sociedade, de uma ou de outra forma, ao longo dos seus escritos. Não possuindo bens materiais, é esta a única herança a que se saberá manter fiel, a despeito das agruras do exílio, pois que longe da Argélia de sua infância e adolescência, porto de abrigo que o viu nascer e crescer, jamais se sentirá verdadeiramente em casa. Na perspectiva que hoje é a nossa, resultante do tempo decorrido e de tudo o que entretanto chegou ao nosso conhecimento, é este um dado evidente. De resto, *O Exílio e o Reino* é título de um dos seus livros. Duas palavras, e fica quase tudo dito.

Lembrei-me disto no outro dia ao ouvir uma entrevista radiofónica com o célebre pianista Alexis Weisenberg, que morreu o ano passado, intérprete de Bach e Rachmaninov, e grande amigo de Karajan. Dizia ele que ao visitar as residências dos artistas que mais admirava, e citava a casa onde Chopin viveu com Georges Sand em Palma de Maiorca, o que lhe interessava não era percorrer os aposentos, as salas, os quartos, ou o que neles havia, mas, sim, descobrir o panorama em volta, o céu e as cores do céu, porque essas não se alteravam com o tempo. O que ele, Weisenberg, vislumbrava naquele instante era exactamente o que Chopin tivera diante de si, todos os dias, de manhã à noite. E dessa paisagem procurava impregnar-se para melhor o entender. Porque contemplar esse mesmíssimo céu, era aproximar-se da vida que fora a de Chopin durante o largo período em que lá vivera.

Esta observação aplica-se com inteira propriedade àquilo que temos vindo a dizer acerca de Camus. Ele próprio o dirá noutro contexto: “Com tanto sol na memória, como pude eu apostar na falta de sentido?”.

Por outro lado, “a certeza consciente de uma morte sem esperança”, tão cedo revelada, marcará para sempre o seu horizonte religioso ou a falta dele. A ponto de escrever: “A felicidade nasce da ausência de esperança”.

No fim da guerra, em Dezembro de 1945, numa conferência proferida num convento de dominicanos, Camus terá ensejo de frisar: “Não me sentindo na

posse de nenhuma verdade absoluta e de nenhuma mensagem, nunca partirei do princípio de que a verdade cristã é ilusória, mas somente do facto de que nela nunca pude penetrar". Nesta perspectiva, já alguém disse que ele era "um cristão sem fé", e talvez haja aqui um fundo verdade, dado que nunca foi um espírito irreligioso.

Outra observação que *Núpcias* suscita é a plasticidade do seu talento. Basta pensarmos, por contraste, na algidez de *O Estrangeiro*, estilo que é precisamente ausência de estilo, escrita chã, sem adjetivos, sem advérbios, aparentemente correntia e banal e, todavia, fremente a cada página de emotividade e beleza.

A esta luz se vê que Camus adaptava a forma ao fundo. Do jornalismo ao romance, do teatro aos estudos de pendor filosófico, o estilo varia, molda-se ao tema escolhido, assume-se a cada novo livro rico de outras virtualidades. Nunca Camus se deixou enclausurar em aparatos teóricos. Bem pelo contrário, sempre se quis, convém não o esquecer, romancista, homem de teatro, escritor – artífice da palavra, para tudo dizer.

Lembrar Camus é evocar a sua amizade e ulterior desentendimento com Jean-Paul Sartre, filósofo e dramaturgo, seu contemporâneo.

Não desejaria alongar-me sobre esta questão, que é de todos bem conhecida, mas não a podemos ignorar pois ela remete-nos para a grande querela intelectual europeia dos anos 50, que é fundamentalmente de natureza ideológica, a saber, a posição dos intelectuais, designadamente, os movimentos de esquerda e daqueles que à esquerda se situavam frente ao comunismo e, em particular, à União Soviética.

Há aqui, contudo, um ponto prévio que merece ser sublinhado e cuja influência se me afigura decisiva no evoluir da reflexão camusiana.

Importa, com efeito, ter em atenção que a primeira parte da sua obra, em particular, *O Mito de Sisifo*, *O Estrangeiro*, e nomeadamente a peça *Calígula*, circunscreve-se àquilo que se designa pela fase niilista que coincide com a descoberta do absurdo. Em essência, o que é o absurdo? Nasce no coração do homem de um desejo de entender o mundo frente à opacidade desse mesmo mundo. Daí uma relação de estranheza. Neste contexto, o que *Núpcias* celebrava era uma forma desgarrada de niilismo. De exaltação, para não dizer de cegueira.

Entretanto surge a guerra, e com a guerra a Ocupação, e com ela a necessidade de optar, assumir uma posição, escolher um caminho e percorrê-lo. Sem olhar

para trás. Porque há decisões que são tomadas de consciência. E o que estava em causa revestia-se de primacial relevância.

Em resumo, o que é o nazismo? É a crença na força como primeiro recurso e última instância. É a expressão institucionalizada da violência ao serviço de determinada ideologia.

E aqui põe-se a questão, e a resposta a esta questão foi para ele determinante: com que armas combater o nazismo, que ao fim e ao cabo mais não é de que uma forma de niilismo na sua expressão mais acabada.

Sim, como combatê-lo? Recorrendo a que princípios? À luz de que valores? Invocando que antecedentes? Com que propósito ou finalidade? Se também ele, Camus, em tempos proclamara não existir uma hierarquia de valores para além do valor da vida em si, se também ele recusara transcendências de qualquer espécie, fossem elas religiosas ou de outra natureza. Se tudo, afinal, valia tudo. Chegado à encruzilhada, quando sentiu a imperiosa necessidade de optar por uma escolha definitiva e de a consubstanciar, esta interrogação pôs-se-lhe com particular acuidade. Ciente deste pano de fundo, Camus dirá em tom de confissão:

“Todos nós compreendemos que um certo niilismo, de que fomos mais ou menos solidários, nos deixava sem defesa lógica contra uma doutrina que detestávamos de todo o nosso ser”.

É pois aí, nos últimos da guerra, que Camus redige as *Cartas a um Amigo Alemão* (serão ao todo quatro), a fim de inventariar as razões que o levaram a integrar as fileiras da Resistência.

As Cartas ambicionam assim *fundamentar uma nova legitimidade moral*.

Importa reter este ponto. Acresce que um dos seus melhores amigos, o poeta católico, René Leynaud, a quem estas cartas serão dedicadas, fora detido e fuzilado pelos alemães em Junho de 1944. Mais tarde, Camus prefaciará os seus poemas publicados a título póstumo.

Numa das cartas, Camus dirá: “Durante muito tempo pensámos que esse mundo não possuía uma razão superior de existir”, e mais adiante: “Mas sei que nele, se alguma coisa tem sentido é o homem, porque ele é o único a exigí-lo. Este mundo possui pelo menos a verdade do homem”.

*As Cartas a um Amigo Alemão* marcam assim uma viragem na sua apreensão do mundo e abrem um novo ciclo na evolução do seu pensamento – a procura de uma norma de conduta assente num padrão moral.

A apatia de Meursault n’*O Estrangeiro*, a demência de *Calígula*, o repto de *Sísifo*, são revoltas individuais, solitárias, isoladas.

A partir de agora, rico da experiência da Resistência e de tudo o que nela estava em jogo, Camus descobre os deveres do sacrifício e da solidariedade, os valores éticos que unem os homens, a identidade colectiva que lhes é inerente. No plano da filosofia política, acolherá a partir de então os desafios e combates que são de todos porque a todos pertencem de igual modo. A Resistência foi, antes de mais, uma vivência comunitária, a descoberta de uma dignidade doravante partilhada em nome de um mesmo denominador comum que é a condição humana.

O romance *A Peste* de 1947 e a peça *Os Justos* de 1949 inserem-se ambos nessa filiação, com um duplo registo moral e político, pois numerosas são as suas implicações. A começar pelo conceito de liberdade inseparável da noção de justiça. Ninguém é livre no meio de escravos.

Também aqui, como lhe é habitual, a sua reflexão nasce do caminho percorrido, resulta de circunstâncias vividas, privilegiando o particular em relação ao universal, e não o seu contrário. “Só sei falar do que vivi”, dirá ele. Escrever é pois estar presente e dar testemunho e, do mesmo passo, transcender esse mesmo presente. Camus sempre preferiu os homens politicamente comprometidos às obras ideologicamente partidárias.

No fundo, nas entrelinhas de *As cartas a um Amigo Alemão* já se vislumbram os temas essenciais de *O Homem Revoltado*, muito em particular, o repúdio da tentação totalitária e o terrorismo de Estado.

Belíssimo ensaio que não envelheceu no plano das ideias, *O Homem Revoltado* foi prejudicado pela polémica ideológica suscitada à sua volta.

Simplificando as coisas: ao denunciar o sistema concentracionário na União Soviética, Camus pôs o dedo na ferida e provocou nomeadamente por parte da esquerda dos *Tempos Modernos*, a revista de Sartre e dos sartreanos, uma ferocíssima campanha *ad hominem*.

É bom não esquecer que estamos a falar do início da década de 50, e Estaline só morre em 1953. Tanto em França como em Itália, os partidos comunistas

representavam 25% do eleitorado e Moscovo, então no auge do seu prestígio, beneficiava ainda da lenda heróica de Estalinegrado e da entrada das tropas russas em Berlim.

Contam-se por isso, pelos dedos de uma mão, os homens de Cultura que ousaram então enfrentar e contestar as verdades estabelecidas.

No plano pessoal, *O Homem Revoltado* e a querela política-ideológica a que deu azo, cuja extrema virulência muito o afectará, vai afastá-lo definitivamente de uma certa esquerda afecta aos ideais comunistas, bem como de todos aqueles ditos “companheiros de viagem”, seguidores e adeptos do pensamento marxista.

Nesta perspectiva, Camus poderia fazer sua esta conclusão de Raymond Aron: “Todo o combate político é duvidoso. A luta, porém, não é entre o Bem e o Mal, mas, sim, entre o preferível e o detestável”.

Este crescente isolamento de Camus dentro da classe intelectual francesa, acentuar-se-á mais tarde quando ele se recusará a reconhecer a inevitabilidade da independência argelina – essa sua intimíssima guerra civil, porque assim ele a viveu, dilacerado até ao fundo da alma. Donde, aliás, o mutismo a que se remete nos dois últimos anos de vida.

Com este pano de fundo, não é abusivo dizer-se (como já atrás o referimos), que, em muitos aspectos, Camus terá sido um exilado em França, um intruso no meio parisiense onde nunca se sentiu integrado. Numa palavra, um estrangeiro. Ou, quiçá, mais do que isso, um desenraizado que tendo perdido muitas das amarras que o amparavam, se sente a cavalo entre dois mundos, não pertencendo já a nenhum deles. Ou, o que é pior, de ambos excluído. No palco, e fora dele, a sós, e um tanto desamparado.

Sentimento que lhe era familiar desde muito novo, sobretudo por razões de ordem social, já que no liceu frequentado pelos filhos da burguesia de Argel (Camus era pupilo da Nação), não lhe era fácil evocar os seus nem a casa modestíssima onde vivia, e em casa não podia mencionar os estudos do liceu, pois a família era toda ela analfabeta. Situação esta um pouco à imagem do seu próprio itinerário, sempre no fio da navalha.

Na verdade, neste como noutros planos, Camus procurará um ponto de equilíbrio entre a recusa e o consentimento, o coração e a razão, a História e a Justiça, o apego à medida e a tentação da desmesura, a revolta e a violência revolucionária, o mundo grego e o mundo cristão, a terra natal e a terra de eleição.

Este difícil equilíbrio, constante balancear entre apelos contrários, esta paixão pela procura da verdade num mundo sem Deus, percorre páginas e páginas da sua obra, à maneira de um eco que não se extingue. E torna-a singular de entre as demais. E em certos aspectos, actualíssima.

Talvez tudo isto explique a audiência que o seu nome desperta nas novas gerações e o renovado interesse que a sua obra suscita junto da crítica anglo-americana. Como ainda agora se constatou – extraordinária vingança póstuma! – por ocasião do centenário do seu nascimento.

Não é fácil dar uma única resposta, tantos são os factores que nela intervêm – de ordem política, ética, filosófica, literária. Como é sabido, todo o escritor é muito mais do que ele próprio. A cada um pois, o seu Camus.

Para uns, será o jovem editorialista do jornal *Combat*, testemunha incomparável de um mundo em gestação; para outros, o criador que renovou a técnica romanesca, aliado ao dramaturgo que melhor respondeu às questões mais prementes da sua geração; para outros, ainda, o ensaísta que da crítica literária à reflexão política procurou fixar, sem desdenhar da emoção, a verdade do seu tempo e dela se aproximar. Para terceiros, enfim, trata-se apenas e tão-só de recordar a imagem do homem, a jornada intelectual, a voz de uma consciência em acção. Em suma, um saber estar no mundo...

Quantos homens morrem na morte de um homem? Em particular, na morte de um escritor, cujos personagens e temas sobrevivem e renascem no nosso imaginário de leitores, pois nunca deixaram de estar connosco.

Quem são eles? O Meursault de *O Estrangeiro* que vive a vida a cada instante e nela esgota a sua vontade de viver? O doutor Rieux, o médico de *A Peste*, que se afirma num combate desigual que não conhece tréguas em prol do bem comum? O Jean-Baptiste Clamence de *A Queda*, fantasma refugiado num bar sombrio em Amesterdão, que se dá ao luxo de cultivar, entre culpabilidade e remorso, o sarcasmo e a auto-irrisão, perfil de um homem corroído por toda a espécie de falhas, que é sobretudo o retrato de uma geração de intelectuais fari-seus?

Uns e outros são nossos companheiros na alegria, no exílio ou no infortúnio.

Sem dúvida, todo o grande escritor suscita esse misto de partilha e gratidão. E Camus por maioria de razão, pois a sua morte prematura – vida atingida em pleno voo, reflexão suspensa, suprema injustiça! – obriga-nos agora a encarar a

sua obra, para sempre mutilada, como uma obra total, no dizer de Jean-Paul Sartre.

Na perspectiva que é hoje a nossa, Camus insere-se nessa linhagem dos grandes humanistas – humanismo no sentido clássico de que o homem é o centro de todas as coisas, nele prevalecendo a dimensão espiritual – que constituem pela sua diversidade a nobreza e a singularidade do pensamento europeu – de Montaigne a Erasmo, de Montesquieu a Edmund Burke, de Karl Popper a George Orwell, de Koestler a Raymond Aron, para apenas citar alguns dos seus filhos mais ilustres. Diálogo ininterrupto este, e sempre vivo porque essa Europa, que é a verdadeira e a todos nos pertence, não morreu!

Marco Aurélio dizia com aquela invejável sabedoria de um velho romano culto: “Ensina-me a modificar o que pode ser modificado e a aceitar o que não posso transformar”.

Espelho e síntese de uma civilização – o primeiro dever de um espírito lúcido é o de conhecer os seus limites – que resume todo um pensamento e dita uma atitude. Não, evidentemente, de cedência e resignação, longe disso!, mas, pelo contrário, de hombridade ante a adversidade. Estoicismo que foi também o de Camus. O sentido helénico da medida e a procura da felicidade – cuja ressonância estará sempre presente ao longo do muito que nos deixou – insere-se nessa vontade de tudo abraçar sem nada desperdiçar.

É este o ensinamento que dele nos fica e que hoje nos é grato relembrar.

Sem jamais nos esquecermos destas linhas que passo a citar:

“A obra de um homem não é senão esse longo caminho para encontrar, pelos desvios da arte, as duas ou três imagens simples e grandes sobre as quais o coração pela primeira vez se abriu”.

Quem isto não entender na sua multifacetada dimensão, não entende quem ele foi e o que quis escrever.

Gostaria agora, se me permitem, concluir esta minha intervenção relendo as últimas linhas de um artigo que publiquei há uns anos e que ainda hoje subscrevo por inteiro:

*Enraizado nos tumultos e convulsões da sua época, sem nela, contudo, se deixar aprisionar. Presente a todas as chamadas porque a deserção é sempre condenável, sem*

---

*para tanto jamais se ausentar de um íntimo exílio, essa solidão não partilhável que é o nosso comum destino.*

*Sem esquecer a criação, a liberdade, sem desmerecer tão-pouco do amor e da alegria. De olhos muito abertos.*

*Sim, viver e morrer, homem entre os homens, no chão da terra. Viver e morrer para reinventar a vida frente à morte e contra ela, madrasta de todos os absurdos. Viver e morrer, sol e noite do mundo que nos pertence, já que nada nos é dado e esse nada é tudo. Cruzamento de fronteiras. Fronteira da lucidez.*

*Recusando mitos e máscaras, a divinização de Deus e da História, Camus ficará como a expressão solitária de um momento alto da consciência europeia. No modo pessoalíssimo que era o seu. Onde a esperança e a coragem se equilibram e se redimem.*

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 7 DE NOVEMBRO DE 2013)